

Vestígios de um *lugar* de memória: um estudo sobre o *Velho Casarão* do Colégio Farroupilha - Porto Alegre/Brasil (1895-1961)

**Tatiane de Freitas Ermel (URI/CNPq/PUCRS)
Lucas Grimaldi (UFRGS)**

Partindo da perspectiva da cultura escolar, que entende a materialidade como um dos elementos essenciais para a compreensão da história da educação, os espaços escolares e, mais especificamente, a arquitetura, são objetos dessa investigação. Como concretização de propostas e realizações pedagógicas de diferentes tempos e espaços, ao edifício escolar estão implicadas questões de funcionalidade e representações da educação, que permanecem no cenário das cidades. O presente estudo analisa o espaço escolar do antigo prédio do Colégio Farroupilha, construído no final do século XIX, na Rua São Rafael, atual Aberto Bins, no centro de Porto Alegre. Funcionou neste local até a década de 1960, quando sua sede foi transferida para a Rua Carlos Huber, no bairro Três Figueiras, onde funciona até hoje. O corpus documental consiste em um conjunto de aproximadamente 70 fotografias dos distintos espaços da instituição, quatro entrevistas produzidas pela metodologia de História Oral e 20 redações escolares que versavam sobre o espaço da instituição. Os entrevistados estudaram nas décadas de 1940 e 1950, período em que também foram produzidas as redações, para serem publicadas no jornal O Clarim. As fotografias foram produzidas, em sua maioria, na década de 1940, período marcado pelo processo de nacionalização do ensino, onde a prática de envio de relatórios para o Ministério da Educação e Saúde, acompanhadas de registros imagéticos, constitui uma importante fonte para o estudo desta edificação, que foi demolida na década de 1970. Desse modo, problematizamos as imagens como representação de um corpus documental particular, que articuladas aos discursos, tomam formas de construção histórica e visual, na tentativa de não ser apenas um complemento do texto escrito. Compreendemos as fotografias, as memórias e as redações estudantis como fontes para estudo da cultura escolar, propondo uma reflexão acerca das informações significativas e exclusivas que somente esses tipos de fontes podem oferecer. No material fotográfico, constatamos a presença de diversas salas de aula, pátios, salas de secretaria, direção, professores/as, laboratórios de física, química e história natural, instalações sanitárias, sala de desenho, sala de línguas vivas, sala de geografia, sala de trabalhos manuais, sala de experimentação e demonstração mostram todo o aparato que compunha o espaço escolar. Essa espacialidade fotografada encontra ressonância nas memórias discentes, principalmente, mostrando de que forma os estudantes se apropriaram do prédio escolar. Nas entrevistas e redações encontramos pistas das sensibilidades discentes na descrição do edifício, dos locais de diversão, das sensações de regulação e controle e também, suas ressignificações sobre aquela edificação. Na década de 1950, esse espaço tornou-se insuficiente para a continuação do funcionamento da escola, sendo que um dos principais problemas apontados, nas memórias dos

estudantes, era a falta de um ginásio para a prática de esportes e o aumento constante do número de alunos/as. Desse modo, a transferência da sede para o bairro Três Figueiras, em 1961, significou uma adaptação do espaço escolar às novas exigências do ensino, inaugurando uma nova perspectiva arquitetônica e espacial.